NOVO EMPREGO

A SALA ERA PEQUENA e Dwayne Davis tentava disfarçar seu nervosismo com um tamborilado fraquinho em cima da mesa. O homem em sua frente tinha uma barba preta densa, de unhas bem aparadas e olhos castanhos frios que percorriam seu rosto. Um bloco grande de notas estava em sua frente, junto com um lápis verde. O homem pediu um momento, e Davis concordou cordialmente.

A primeira página foi preenchida rapidamente. Podia se ouvir a briga do rascunhar entre o papel e o lápis. De uma maneira esquisita, parecia que aquele senhor colocasse cada detalhe (o pouco de barba que ficara na ponta de seu queixo ou seu cabelo ruim que nenhum gel conseguia manter por mais de trinta minutos) junto com extensas observações e notas de rodapé, deixando Dwayne um pouco nervoso. Páginas eram sendo preenchidas com avidez pelo entrevistador, quase sem desviar seus olhos para o papel. O riscar do lápis era um barulho interessante e o garoto se sentiu relaxado. De início, Davis não interrompeu o homem – critérios de seleção hoje em dia estavam cada vez mais ousados, mas agora parecia estar colado na cadeira. Imobilizado. O rapaz, que tinha feito dezenove anos mês passado, apenas piscou lerdamente seus olhos. Em um sopro de pensamento, registrou que já passara por muitas entrevistas naquele mês, mas nada parecia com o que estava acontecendo. O tempo também estava esquisito, pois não sabia mais que horas eram. Ouvia sua própria respiração, como se estivesse dormindo, mas de olhos abertos. Pensou em olhar o relógio, mas não conseguia desviar seus olhos do entrevistador. Não, não tinha como se mexer. Respirava muito mais calmamente agora. Um pequeno sorriso brotou-lhe na face junto com uma quentura nas mãos e pés. E aquilo lhe era bom. Pensou em mover seu indicador por um pouco, mas aquela idéia escorregou rápido para dentro dos olhos profundos do senhor em frente, que agora fazia um sim em um leve aceno de cabeça.

A voz então veio, encheu a sala; era maravilhosa.

“Sou Peter Gustavson.”

Não houve resposta de Davis. Ele observava com o mesmo sorriso no rosto dos últimos trinta e cinco minutos.

A voz ribombou mais uma vez pelos arredores, mas os lábios de Peter não se mexeram.

*Não existem segredos entre nós, garoto.*

Lentamente o homem levantou-se. O jovem não se mexeu, e com uma voz calma e relaxada respondeu calmamente.

“Sim.”

Peter, que aparentava cerca de cinqüenta anos, pesando mais ou menos noventa quilos em um metro e oitenta levantou-se da cadeira com outra folha de relatório em suas mãos, fazendo suas perguntas ao jovem calmamente.

“Agora que estamos mais confortáveis, me diga uma coisa Sr. Dwayne, do que você realmente gosta?”

O rapaz piscou somente uma vez sem expressão em seu rosto. Peter bateu duas vezes no papel com seu lápis.

“Gosto muito de ver TV. Especialmente a sessão de filmes na sexta. Não saio muito do quarto, e gosto das minhas revistinhas de sacanagem. Tem histórias muito bacanas também. Vadias me fascinam, mesmo que de mentirinha.”

Uma pausa.

“Minha irmã morreu num acidente de carro, e não gosto de sair da casa.”

Gustavson escreveu a resposta por extenso, tal como tinha feito toda a semana. Aquela resposta fora um pouco fora do padrão, e ele acrescentou *Isolamento por trauma?* junto com o que havia escrito. Sentou em cima da mesa e perguntou apertando um pouco os olhos.

“Você gosta de meninos ou meninas?”

“Sou um cara normal.”

“Loiras ou morenas?”

“Não importa, sou virgem mesmo.”

Peter marcou no verso da folha que tinha os dados do jovem o símbolo feminino junto com outro rabisco que lhe significava que tanto fazia. O homem levantou-se voltando ao seu lado da mesa, tirando de sua gaveta duas cartas com símbolos coloridos e com o verso preto. Colocou-as em um local de madeira com um vão onde as cartas ficavam paradas em pé na frente de Dwayne, com seu verso preto virado ao jovem.

“O que você vê na primeira carta?”

A resposta veio imediatamente em um sorriso.

“Um pássaro azul.”

Peter viu que a resposta confirmava, baixando logo a primeira carta. Coçou sua sobrancelha direita e perguntou em seguida com certa apreensão.

“O que você vê agora, Dwayne?”

Outra pausa. Era um gráfico abstrato, que não tinha nenhum vínculo com qualquer realidade. Bolotas pretas de tinta menores e maiores espalhadas a esmo diferenciadas com tonalidades de cinzas.

Depois de piscar algumas vezes, o garoto respondeu.

“Um cachorro.”

Com um sorriso aliviado, Peter inclinou sua cabeça em direção ao jovem e lhe fez uma pergunta.

“E como chegou a esta conclusão, Sr. Davis?”

“Você pediu que eu dissesse um cachorro.”

“Excelente. O que eu quero que você diga agora?”

Houve um momento de incerteza.

“Fui o melhor de todos até agora?”

Houve outra pausa.

“E o mais rápido.” concluiu Dwayne.

Peter separou a ficha em sua segunda gaveta. Coçou a ponta de seu bigode e por fim falou.

“Dwayne, em pouco tempo, você voltará ao seu estado anterior, de como você entrou nesta sala. Não vai se lembrar de nada de que conversamos, e isto é uma ordem expressa. Você passou na entrevista e está sendo contratado. Você compreende?”

“Sim.”

Peter tocou na testa e depois no pescoço do garoto.

“Cinco, quatro, três.... dois...” falou Peter.

*E os segundos passaram. As mãos de Dwayne voltaram a suar e um frio na barriga lhe expandia o abdômen com certa dor. Peter, sentado no mesmo local, mudara sua feição deixando seus olhos agora como os de um senhor gentil, mais parecido com um fraterno gerente de supermercados onde o cliente sempre tem razão.*

“Sr. Dwayne? Sr. Dwayne?”

Certo desconforto passou rapidamente pela cabeça de Davis, porém a expressão do entrevistador lhe agradava muito, com um sorriso sincero.

“Sim?”

“Conforme conversamos, a sede fica em Atlanta.”

Peter olhou de novo para o garoto ainda esperando a resposta. Dwayne recobrou-se, ajeitando-se na cadeira.

“Isto por acaso lhe é inconveniente?”

“Ora, de forma alguma.” disse o rapaz.

O homem entregou os papéis ao jovem, e depois de folhear algumas páginas nervoso lhe perguntou sem jeito.

“O anúncio. Ele não diz qual é... a remuneração.”

Peter abriu um largo sorriso.

“Ora, investimos em nosso pessoal para uma longa carreira. Leia a última página se não acredita.”

O rapaz arregalou seus olhos com a lista das coisas que lhe eram fornecidas sem descontos em seu salário. Peter mostrou a porta à Dwayne, junto com um sorriso sem dentes.

“Tenha um bom dia.”

Depois de fechar devagar sua porta, o homem voltou à sua escrivaninha e começou a selecionar todas as fichas de sua gaveta. Haviam muitos meninos que não tinham atingido a segunda carta, mas sete passaram. Por algum o tempo ele ouviu o *tick-tack* do relógio de parede, pensando em absolutamente nada. E então, de um lugar no íntimo de sua mente, algo furtivamente ia abrindo portas que há muito estavam fechadas; Peter sentiu o frio que de lá vinha.

Por um instante seus olhos piscaram, junto com o que lhe pareceu vacilar toda a sua visão. Sua mão tremeu e buscou rapidamente o telefone, que estava mudo como o silêncio da sala. Peter colocou o fone em seu ouvido e fechou os olhos.

“Estou... o-ouvindo.”

A voz que falou em seus ouvidos era gritada e sussurrada. Todo o corpo daquele homem grande torcia e revirava a cada sílaba.

***Temos uma anomalia em andamento, perto demais.***

Dos ouvidos e olhos do homem, um lodo preto escorria devagar. Seu rosto inteiro contorcia-se em uma ânsia de vômito.

***Prossiga com os Kappa.***

Após um pequeno intervalo, ele apoiou-se na mesa com sua outra mão.

“S-Sim.”

***Observe sempre o mais velho.***

O homem tentou limpar seu rosto, mas o que realmente fez foi espalhar ainda mais a terra suja. Sentia algo expandir sua cabeça. Enquanto isso, um dedo invisível passava por suas memórias lhe dizendo maliciosamente *mau garoto* enquanto parecia selecionar algo, se deliciando em risadas com as coisas que via por lá. Por fim, a entidade sussurrou alegre, como se achasse uma pedra preciosa.

***Você sempre nos deixa feliz, Ray!***

O mundo sumiu de seus olhos enquanto mais uma vez Raymond era um menino.

*Aos seus onze anos, Raymond subira no muro de sua casa e estava a fritar formigas com o sol direto em sua lupa. Gostava da simplicidade daquilo e do cheiro que causava. Ação e reação pura. Ficara mais de uma hora ali, e se divertia enquanto desmembrava uma a uma que lhe cruzasse o caminho. Quando se entediou, viu algo na janela do quarto do vizinho; algo que sabia ser errado, mas ele era um menino curioso e estava sozinho naquela tarde. Contornou o muro pulando para a outra casa, divertindo-se em manter o equilíbrio pé ante pé até chegar à sacada da janela. Por entre as cortinas, o menino pode ver uma mulher que teria a idade de sua mãe presa por um cabo no teto e algemas rosas felpudas em suas mãos. Seus seios balançavam enquanto ela gemia baixinho semi-amordaçada por uma tira vermelha atravessando-lhe a boca de fora a fora. Depois de alguns momentos, o garoto aproximou-se ainda mais da janela e colocou sua testa de encontro ao vidro, sentindo imediatamente o calor do dia. Houve um barulho forte de deslocamento de ar e uma tira longa e preta de couro voou de onde ele não podia ver, acertando direto na coxa daquela mulher. Uma vermelhidão instantânea apareceu. Um velho teria se chocado; um homem vivido teria achado divertido, mas Raymond somente piscara atento aguardando a próxima ação. Seu rosto estava inexpressivo, como um crítico apreciando uma arte abstrata. E assim ele ficou ali, parado e observando. O sol desceu e seu rosto de criança ficara na sombra. Raymond segurava e apertava seu sexo por dentro de sua calça no primeiro orgasmo de sua vida enquanto o homem descia a mulher do teto e fazia nela o que ele já vira dois cachorros fazerem na rua.*

O homem voltou a si como se sua cabeça tivesse sido puxada pelos cabelos de uma tina de água depois de muito tempo se afogando. Colocou o fone no gancho e vomitou desesperadamente duas grandes golfadas por cima da mesa, criando uma grande poça de lodo. No meio daquela lama havia algo do tamanho de uma ameixa. Usando um lenço de dentro de seu paletó, limpou sua boca e depois pegou um lápis de sua mesa, cutucando e remexendo na coisa em sua frente.

Era um olho enorme de cavalo.

O viva-voz sussurrou mais uma vez:

***Raymond, não esqueça... Estaremos de olho em você.***

2

Elliot Brown desceu de seu táxi e chegou ao aeroporto exatamente no horário que estava marcado em seu ticket. Estava vestido muito bem, com um terno que deveria ser o equivalente a seis meses de remuneração de seu último trabalho como ascensorista. Após a segunda entrevista com o Sr. Gustavson, recebera um endereço de um alfaiate que o esperava para lhe tirar as medidas.

Não podia conter certo orgulho enquanto ouvia o barulho dos aviões e recebia muito bem aquela atmosfera de negócios do aeroporto. Muitos outros homens e mulheres estavam ocupados caminhando rápido com aquele olhar apressado, puxando suas malas pelos corredores e de celular sempre à mão como a moda dos pistoleiros. O jovem via sua oportunidade como algo que o mundo já lhe devia faz um tempo. Trabalhara desde seus dezesseis até os presentes vinte e quatro, e a vida sempre fora difícil; não poucas vezes não tinha ideia de como chegaria ao fim do mês. Nos documentos que recebera estavam previstos moradia, vales para restaurantes e até auxilio médico durante os seis meses de experiência. Por fim, leu mais uma vez o rótulo junto a sua foto. Ainda não sabia muito bem o quê *“Gerenciamento de novas contas”* significava, mas isso também não lhe era importante agora. Tinha conseguido o emprego e faria qualquer coisa que lhe pedissem. Estava ficando velho e algumas portas já estavam se fechando para nunca mais abrir. *Pizza nunca mais*, pensou com a convicção dos inocentes.

No fim daquela ala, o jovem viu outros meninos e meninas com crachás vestindo seus ternos cinza como o seu, em uma atmosfera de grande descontração. Percebeu que era talvez o mais velho ali entre eles. Escolheu a cadeira mais próxima e sentou-se. A sensação de poder assomou-lhe como um cobertor no frio. Apertou forte sua mão em um gesto de vitória.

Uma moça vestindo um tailleur se aproximou e ocupou o assento a seu lado, cruzando as pernas de um jeito que um menino coraria.

“Bom dia, *trainee*.”

Elliot virou-se, e com experiência respondeu naquele tom calculado, entre o flerte e um cumprimento casual à jovem em seu lado.

“Não podia ser melhor.”

Brown então começou o que ele definia de *o jogo*. Não conseguia evitar; era quase como uma compulsão. Quando trabalhava de camareiro em hotéis e pegava elevadores junto com os hóspedes, costumava inventar-lhes histórias, e em algumas vezes assustava-se onde sua imaginação o levava.

*Esconde seu nome do meio Petersen, que é o nome de solteira de sua mãe, e que o carrega com vergonha. Teve uma época muito difícil em sua vida quando seu pai morreu. Trabalhou sempre de pequena e perdeu sua inocência de criança com um tapa no rosto por seu padrasto, nunca mais perdoando sua mãe por aquilo. A pequena cicatriz perto de seu olho esquerdo foi quando seu cachorro brigou com outro animal e ficara ferido; ela se agachou perto do cachorro que gania para ver melhor os ferimentos e Bubbles lhe agrediu com a pata, pois estava muito nervoso. Segurando seu rosto inchado e com um grande corte ela pegou a guia junto à coleira e voltou chorando para casa; foi no pior dia de sua vida que sua mãe lhe disse que seu pai havia...*

“Vocês garotos!” disse a moça alegre.

Brown a olhava muito curioso. Por fim, cedeu a curiosidade e observou o crachá de seu pescoço: Samantha Monroe. Elliot olhou para o movimento na entrada de embarque.

“Atlanta, então. Nunca fui... para lá.” disse ele agora um pouco mais movido pela beleza da moça.

“Não se preocupe, vai tudo dar certo. Seu hotel é incrível, já passei meu estágio lá. O prédio inteiro é da fundação. Meu queixo caiu na primeira semana, e se você é de Filadélfia como eu, você nunca viu banheiros tão limpos em toda a sua vida.”

Reconhecendo em si o sotaque e os maneirismos da moça, Brown falou com uma figa na mão e com um leve olhar maroto.

“Já me sinto mais seguro... e limpo.”

Um pequeno alvoroço e os meninos e meninas foram aglomerando-se junto ao guichê. Elliot sentiu imediatamente um pequeno mal-estar ao levantar-se, crescendo e se avolumando como um balão de ar dentro de sua barriga. Rápido, a coisa agravou-se ao ponto de esquecer-se de tudo o que estava acontecendo, mesmo ao fato que a chamada para embarque soava em seus ouvidos.

“P-Preciso ir ao banheiro...” disse Elliot quase não acreditando no que estava lhe acontecendo. Brown então se distanciou do grupo segurando sua barriga, caminhando rapidamente para a seta indicada pelo aeroporto. Quando abriu a porta, tremia e suava. A respiração em sua boca lhe fazia sentir pequenos tiques em seu rosto, e suas mãos pareciam estar na frente de um destes experimentos onde os cabelos da pessoa ficam em pé, pois tinha a sensação de estarem formigando.

*Alguma coisa estava muito errada. Não sabia dizer o que era, somente percebia a iminência de algo a acontecer. Já se sentira assim outra vez, quando dissera estar doente quando não estava, e seus amigos foram a uma viagem de bebedeira sem ele. Nem todos voltaram vivos daquela pequena excursão alcoólica que terminara em uma batida de frente com uma carreta. Por um milagre seu amigo Jennings sobrevivera; e ao custo de dois dedos de seu pé esquerdo ganhara o apelido gracioso de Toquinho.*

Com seu dedo indicador, batia no espelho tentando não gritar, sentindo aquela mesma sensação do passeio que deu errado. Olhava direto em seus esbugalhados olhos verdes e falando um pouco mais devagar que o normal.

“Eu vou agora e nada vai me impedir do contrário!”

Elliot então lavou forçadamente seu rosto. Secou-se, fungou sonoramente e deu tempo ao tempo, abrandando sua respiração conforme olhava no espelho. Em segundos, qualquer coisa que tinha acontecido passara.

Um por um, os meninos foram dando seu nome e passando com seu bilhete marcado pela moça do embarque. Depois de um tempo, a moça que falara com Elliot minutos antes entregou seu bilhete.

“Samantha Petersen Monroe?”

“Sim.”

“Assento 28-B. Tenha uma boa viagem.”

Com sua entrada marcando a poltrona do meio na sexta fila, Elliot sentou-se completamente aterrorizado. Mordia os dedos de sua mão, tentando alcançar alguma sensação física diferente ao pânico que lhe fazia apertar todos os dedos de seus pés. Ninguém sentara ao seu lado, e o fluxo de pessoas entrando no corredor parara. As turbinas já estavam girando em sua baixa rotação de preparação. Olhou a asa esquerda, e imaginou os pinos soltando um por um da fuselagem, o combustível rapidamente se alastrando, uma labareda de fogo explodindo e retorcendo o metal em instantes. Mas isso era só sua imaginação: algo mais forte clamava por atenção.

*Está vindo em minha direção... tocará em meu ombro, me oferecendo uma bebida. Seu cabelo é vermelho, e está solteira depois de seis anos de um casamento frustrado com...*

“Sr. Brown, o senhor está um pouco agitado. Gostaria de uma água gelada? Quem sabe um calmante?”

Brown não gritou, pelo menos não com sua voz, mas podia ler a plaqueta dourada onde estava gravado o nome *Amanda* muito de perto enquanto a aeromoça lhe segurava tenazmente o ombro, e com olhos muito atentos aguardava uma resposta.

Elliot engoliu em seco e piscou seus olhos rapidamente.

“Oh... sim. Primeira vez em avião sabe?”

O jovem recebeu sem hesitações ao copo, bebendo a água e engolindo o comprimido junto com o balançar positivo da cabeça da aeromoça. A pressão dos dedos em seu ombro foi diminuindo conforme a água descia sob sua garganta e ele olhou os cabelos vermelhos da aeromoça com certo nervosismo. Amanda então lhe mostrou outro sorriso, menos calculado, falando mais gentilmente.

“Você pode apertar o botão no painel acima e lhe atenderemos, Sr. Brown. Tenha uma boa viagem!”

“Obrigado.”

Elliot reclinou-se na cadeira, colocou os headphones tentando relaxar enquanto o avião contornava a pista para logo após acelerar. Sentiu o puxão da aeronave em sua cadeira de olhos fechados, junto com aquela eminência natural do corpo em achar que o chão é o melhor amigo do homem. Em pouco tempo, o efeito do remédio o fez dormir pesadamente.

Quarenta e dois minutos depois, a aeronave parou em uma escala não prevista. Somente Elliot e outros seis jovens que também estavam adormecidos ficaram dentro do avião enquanto todos os outros saíram pela entrada. Com o avião vazio, os homens abriram suas malas e retiram algo que parecia como um capacete, colocando a coisa na cabeça de todos eles. Pela abertura na frente, o homem abriu os olhos de Elliot e fixou as pálpebras com uma pequenina haste feita de um material dourado. Um filme era impresso em sua retina enquanto o homem pingava uma solução em seus olhos esbugalhados.

Elliot ouvia uma voz possante em seus ouvidos: a voz de Peter Gustavson.

Depois de duas horas, os homens saíram e outras pessoas da empresa voltaram à cabine. Conforme o avião taxiava até a pista de decolagem, a aeromoça foi até o assento de Brown e tocou insistentemente em sua mão. Elliot sentiu um pouco de desorientação ao acordar e a aeromoça falou em seguida com um sorriso tanto esforçado.

“Sr. Brown, queira colocar seu cinto de segurança, por favor? Tivemos um probleminha com a aeronave. Ficamos por quase duas horas consertando um problema elétrico e não quisemos acordar o senhor.”

Brown colocou sua mão na testa que estava um tanto quente, enquanto colocava o cinto um tanto desajeitado.

“Meus olhos estão... doendo.“

“Você quer que eu feche sua janela?”

“Não. Estamos... longe?”

“Em meia hora estaremos pousando em Atlanta.”

Elliot agradeceu com sua cabeça, e começou a tentar ler uma revista que estava à mão. A aeronave acelerou, e mais uma vez eles estavam no ar novamente.

Desta vez, Elliot não sentira medo algum.

Brown olhou as nuvens e o mundo lá embaixo: era uma visão maravilhosa, mas sentia a impressão que tinha esquecido alguma coisa importante. Olhou com mais atenção à asa do avião e viu só o azul do céu no meio de nuvens rosadas. Em um suspiro, manteve-se à parte de tudo e decidiu que em pouco tempo tinha um encontro marcado com sua nova vida.

3

“E... aqui é a sua mesa.” falou um office boy apressado no meio do labirinto dos cubículos. “Aqui também está sua lista de ramais e o livrinho dos nãos.”

Elliot olhou para o jovem intrigado que lhe devolveu um olhar cansado.

“Não faça isso e especificamente não faça aquilo.”

Era um cubículo bem fechado, com apenas uma entrada que por coincidência era também a mesma saída.

“Um pouco apertado, não?”

“Este é o padrão.”

Brown sentou-se e ouviu o funcionário lhe explicar como deveria passar as fichas para o computador e ligar para aquelas pessoas oferecendo os serviços de apólices de seguros. A cada meia hora uma nova pilha de folhas chegava a sua mesa.

E assim foi a manhã inteira.

Quase dois metros acima do cubículo, uma pequena luz vermelha pisca dentro de um aparelho parecido com um detector de fumaça.

Antes do almoço, Gustavson juntou todos os novos trainees e caminharam até o grande elevador central. Em meio aos sete escolhidos, estavam outros vinte. Como sempre, e Peter já esperava o comportamento, todos os kappa estavam perto uns dos outros, alinhados como magnetos mesmo sem se conhecerem. Dwayne, de maior talento entre todos, estava ao lado de Brown, o qual eles o alertaram para observar.

Antes de entrar no elevador, Samantha, a moça que Brown conheceu no aeroporto, passa ao lado de Elliot e o cumprimenta.

“Conseguiu chegar então?”

Elliot cedeu lugar aos outros enquanto falava com a moça no corredor. Ele se lembrou de sua história imediatamente

*(Ela nunca se recuperou.)*

e então seu coração disparou forte em seu peito. Conteve um pequeno fluxo de imagens que começavam a vir. Depois que fizera a entrevista, seu *jogo* acontecia agora sem freios ou força de vontade.

“Sim. Primeiro dia.” disse Elliot disfarçando a locomotiva em seu peito em uma voz alterada.

“Oh, espero que esteja tudo bem.”

“Você tinha razão sobre o hotel.”

A moça soltou um grande sorriso junto com uma pequena risada.

“Estou sempre certa, confie em mim.”

Peter colocou sua mão no ombro de Brown, e com um meio sorriso falou rápido.

“Vamos lá, Sr. Brown?”

“Sim.” disse Elliot acompanhando Sam com os olhos caminhar até o fim do corredor.

Ao entrar no elevador apertado, uma moça loira bem a sua frente o olhou demoradamente durante todos os quinze andares em que o elevador foi descendo. Ele sentia o calor dela muito próximo e não pode deixar de escapar um sorriso maroto junto a um fio de respiração contida. Não pode deixar de olhar para os lados por um pouco, e notou como todas as outras mulheres eram atraentes e sorridentes. Ao seu lado, Dwayne olhava para o nada pálido como uma cera.

\*\*

“Dwayne, certo?” disse a moça ao lado.

O rapaz continuava com o rosto direto para a comida, colocando o garfo com força em seu bife.

“Estamos preparando uma festa para a chegada dos novos cinqüenta contratados. Aqui está o seu convite... Dwayne?”

O rapaz largou o garfo, e leu o convite.

“Sim. Tudo bem.”

“Ok.” disse a moça com um grande sorriso.

Elliot, que estava ao lado de Dwayne, virou-se e a moça lhe entregou o convite também.

“Bem vindo à fundação Jones!”

“Sim.” falou Elliot tentando alcançar o mesmo tom de empolgação da moça.

Ela se levantou, e então Dwayne a segurou gentilmente pelo braço. O rapaz a fez sentar-se, e nervosamente tocou em uma pinta nas costas dela. Os olhos de Dwayne estavam diferentes, olhando para o nada e mexendo a cabeça aos poucos.

“Você... deveria conferir. Deveria conferir de novo. Sim.” disse Dwayne quase em um devaneio.

“C-como?” falou a moça com enorme temor.

Dwayne distanciou um pouco sua mão aberta, e mexeu um pouco os dedos.

“Sim. Doze de outubro. Doze. Nove e quarenta. Estava quente. Dr. Ramsey lhe disse que não era nada. Mude de médico.”

A moça olhou para o outro lado da mesa, onde estava Gustavson e com uma voz diferente, falou ao rapaz uma frase que deixou Brown nervoso.

“N-não esqueça de ir para festa.” disse ela levantando-se e indo direto para o banheiro.

Davis voltou a sua guerra com o prato indiferentemente.

Elliot olhou para a frente, e fechou seus olhos, tentando ignorar o fato repetindo para si mesmo que precisava do emprego

*(Doze de outubro, duas e três da tarde. Jovem e inescrupuloso médico. Ele pensou em como seria ótimo ela tirar a blusa e lhe mostrar outros locais mais interessantes... Oh meu deus, ele não percebeu o inicio de câncer... )*

uma vez, dezenas de vezes, e que nada iria tirar sua chance. Focou sua atenção em sua respiração e aos poucos foi relaxando.

Neste ínterim, como a mesa era de vidro, seus olhos acompanharam a moça ao lado de seu colega em frente encostar os dedos de seu pé descalço em cima do sapato do rapaz. Brown levantou seus olhos e observou ela balançar sua cabeça afirmativamente ao que seu colega Jamie teria feito naquela manhã. De alguma maneira, ele pensou na experiência do elevador e depois com mais calma em Sam, que era de Jersey e falava com o sotaque de Jersey, e que ela tinha a pequena cicatriz por causa do cachorro.

“Petersen...” escapou baixinho da boca de Elliot, como em um reflexo ao que ele estava vendo. Brown levou assustado sua mão à boca, quase que automaticamente tentando calar-se.

Dwayne parou de comer por alguns momentos, e depois voltou novamente a atacar a batata frita.

“Pobre papai, parada cardíaca. Vinte e quatro de abril, 1992. Bubbles se foi logo depois, beagles sempre morrem cedo.”

Uma barra de gelo substituiu a espinha de Brown.

“P-Pare com isso.” pediu Elliot levando a mão em sua cabeça começando a perder o controle.

Davis segurou seu braço, e com o rosto tranqüilo e diferente, lhe falou.

“Oh, você poderia me passar o refrigerante?”

Brown o olhou incrédulo.

Elliot lhe passou um copo cheio.

“Você vai na festa?” perguntou Davis.

Elliot voltou seus olhos para frente e a moça estava usando seu sapato novamente, falando animadamente com outra moça de óculos e cabelos loiros.

“Acho que sim.” disse Elliot por educação.

Com o canto de seu olho esquerdo, Elliot viu a moça que lhes entregou o convite saindo do banheiro rapidamente, visivelmente abalada e que sua maquiagem em volta de seus olhos tinha sumido e dado lugar a algo borrado.

Neste momento, Peter levantou-se e falou a todos.

“Pessoal, espero que todos compareçam a nossa festa. E eu particularmente anseio que esta seja melhor que a do ano passado.”

Todos aplaudiram enquanto Elliot viu a mão da moça em sua frente repousada no joelho de sua colega de óculos, que estava um pouco vermelha, mas que exibia um sorriso exaltado e de olhos ansiosos.

\*\*

Elliot fez questão de ser o último a sair no primeiro dia. Preenchera tantas fichas que seus olhos doíam. Sempre que sentia seu jogo começar, apertava sua mão com toda a força, concentrando sua atenção na dor que as unhas de seus dedos infligiam em sua palma da mão.

*Isto tem que parar!*

Depois das seis, poucas pessoas ainda estavam lá, e de quinze em quinze minutos Elliot ia tomar água e também conferir se era o último da sala.

*Mas que droga de sede...*

Desligou seu computador e fechou todas as gavetas arrumando sua mesa. Guardou o livro dos nãos ao lado do monitor. Decidiu não pegar o ônibus e ir a pé para seu hotel. Gostava das caminhadas, aproveitar o ar da noite. Passou em uma farmácia e comprou uma aspirina pela forte dor de cabeça que estava passando. O jogo continuava sem pausas. Brown evitava olhar ou tocar qualquer pessoa. Tentou ignorar tudo o que sentia, até que um pensamento furtivo lhe entrou em destaque como uma manchete gritante de tablóide.

*Davis também viu o mesmo que eu. Aquela moça tinha câncer avançado, irá ter que remover uma área do tamanho de uma mão aberta em suas costas. Mas Davis pareceu estar fora de si. Ele... é só um garoto. Isso precisa passar!*

Elliot caminhou por mais duas quadras. Chegou ao hotel, abriu a porta de seu quarto e desabou na cama. A luz azul da TV estava ligada e de vez em quando piscava na escuridão do quarto.

4

Nos outros dois dias, Brown entrou na rotina e seu jogo enfim encerrou-se. Cumprimentara Davis de manhã, mas a quantidade de trabalho em sua mesa não o deixava a vontade de levantar-se e falar sobre algo que devia ser sua imaginação e nervosismo. Cumprimentou a moça Samantha no corredor, mas nas semanas seguintes não a viu mais. Era uma grande empresa, e pensando agora com mais calma, era exatamente este tipo de coisa que podia complicar sua nova vida. Tentando não estragar o controle que recém adquirira, Elliot recusou seu convite para a festa e ficou em seu apartamento, mantendo-se quieto. Notou que estava muito cansado naquela sexta-feira, e então logo após sua janta dormiu profundamente.

Apesar de saber estar cansado cada vez mais, Elliot pensou que tudo aquilo era muito melhor que a loucura que seu primeiro dia fora.

E assim, três semanas se passaram.

Elliot esqueceu-se de Samantha por completo.

5

Era uma terça-feira cinzenta, com grandes possibilidades de chuva. Ao caminhar do hotel para o prédio da fundação, Elliot olhou para cima e pensou naquelas nuvens pretas se movimentando devagarzinho, e de como aquilo lhe parecia como uma idéia comum. Era um fragmento de um inicio de pensamentos, e ao mesmo tempo aquilo lhe deixava cansado.

*A chuva precisa de algum tempo acumulando para descer* disse uma voz monótona em sua cabeça.

Elliot esperou o sinal abrir. Os carros passavam rápido em sua frente, mas ele olhava para frente, em nenhum lugar específico.

*Quando chove é que vemos quanta coisa estava lá em cima, esperando.*

“E esperando...” disse Eliot para a calçada.

As pessoas passaram ao seu lado e ele então viu que tinha ficado parado ali por mais tempo que devia. Um homem gordo lhe deu um esbarrão um pouco mais forte em seu ombro abrindo caminho. Elliot suspirou, olhou para o céu e atravessou a rua junto com a multidão. Dentro de seu bolso, apertava seus dedos na palma de sua mão com muita força, quase que inconscientemente.

Ao chegar ao escritório, teve a sensação de que algumas coisas estavam fora do lugar. Suas anotações estavam dispersas e desalinhadas, o que não era de seu costume. Após alguns instantes de perplexidade, ele decidiu que queria que as folhas estivessem mais ao seu modo, e começou a arrumá-las, levantando a primeira folha...

Havia um bilhete ali.

“Pegue o jornal e vá ao banheiro.”

Ao lado havia mesmo um jornal, que Brown não tinha percebido, misturado com outras fichas. Seu coração avançou o sinal e acelerou em seu peito. Sua mão deslizou pela mesa e pegou as duas folhas dobradas de jornal.

*Engula o bilhete* disse a voz em sua cabeça como se fosse a coisa mais correta de se fazer, e Elliot efetivamente seguiu seu próprio conselho, de uma forma tão natural que quase se assustou. Com o jornal enrolado embaixo do braço, levantou-se e foi ao banheiro. Ao atravessar o corredor pode ver seus colegas já separando fichas e alguns já falando nos telefones.

Dwayne faltara mais uma vez.

Caminhar parecia ser complicado, como se tivesse que puxar os cordões de um boneco de si mesmo, mas ele foi mesmo assim. Brown abriu a porta do banheiro e olhou assustado para seu reflexo. Atrás de si, havia uma portinhola aberta com uma privada vazia. Lentamente ele foi dando passo por passo para trás, e o jornal saiu de sua axila para sua mão.

Trancou-se lá e sentou-se com a tampa do vaso fechada.

Na primeira página não havia nada suspeito. Brown virou a página impaciente.

Uma foto caiu, polaróide, em seu colo.

Lá estava seu colega Davis, e tinha um buraco vermelho no lado de sua testa, ao lado de olhos fechados. Sua cabeça parecia estar no meio de uma relva vermelha e cheia de folhas. Brown largou abruptamente a foto, e então seus olhos notaram que havia algo diferente no jornal, uma notícia circulada em vermelho, junto a uma pequena foto preto e branco de Dwayne.

*Você viu Dwayne? Ele tem dezenove anos e já fazem dois meses que fugiu de casa. Por favor, nos ajudem a encontrar nosso querido filho. Ele é um bom rapaz e precisa voltar para casa. Ligue para nós, estaremos aceitando qualquer informação.*

Suas mãos começaram a tremer, e Elliot respirava sonoramente pelo nariz.

*Jogue fora o jornal* disse a voz monótona.

Brown levantou-se e seguiu sua própria instrução, pegando o jornal e a foto, rasgando-os em três ou quatro pedaços e puxando a descarga quantas vezes foram necessárias. O silêncio no banheiro foi repentinamente quebrado, com um estrondo da porta de entrada. A porta de sua pequena cabine foi arrombada. Peter segurou o braço de Elliot medindo seu pulso enquanto os dois trocaram olhares confusos. Em seguida, dois outros homens entraram apressados dentro do banheiro. Eles pegaram Brown cada um em um braço.

Nenhuma palavra foi dita.

Elliot foi arrastado pelas escadas por um longo tempo, e os fortes dedos dos seguranças machucavam Brown que tremia e gemia, não conseguindo pensar em nada. Sua voz interna se calara e sua visão ia ficando cada vez mais branca, como se entrasse em uma bruma.

“Aqui, entre aqui.” disse um deles.

Elliot foi jogado em uma cadeira, e Gustavson que já estava lá segurou seu pulso com firmeza.

“O que está acontecendo?” perguntou Peter.

“Hum?” gemeu Elliot como um cão em meio aos lobos.

O rapaz recebeu um soco tão forte que viu pontos amarelos e pretos por toda sua visão, e sentiu seu lábio superior rachar e começar a pulsar. O rosto enorme de Peter estava na frente do jovem, que em sua mente começava uma corrida no meio daquela bruma branca avançando cada vez mais em suas idéias.

“O que você sabe!” berrou Peter.

Elliot piscou um olho e recebeu outro soco.

Fisicamente, seu corpo foi a nocaute.

Peter agora entrava pela névoa branca que ia tomando conta da mente de Brown. O rapaz ia correndo por ali, e conforme Peter tentava lhe agarrar, a bruma diminuía.

“Não existem segredos entre nós, Elliot!” gritou Peter.

Brown continuou a correr no que lhe pareceu ser uma floresta, com folhas vermelhas e macias no chão.

“Eu não sei nada. Vá embora!” Elliot protestou.

A névoa aumentou muito, e Peter protegeu seus olhos, sendo então completamente envolto por ela.

Um dos seguranças tocou duas vezes em Raymond, que estava de olhos abertos sentado ao lado de Elliot desacordado.

“Ray...”

Raymond levantou da cadeira em um pulo.

“Não posso ir mais... além.”

“O que fazemos?”

“Eles não entendem seus potenciais. Qualquer mudança de comportamento deve ser informada a mim imediatamente.”

6

Elliot acordou em uma enfermaria, com paredes brancas e dois leitos, sentindo a dor violenta em seu rosto, em uma ardência perto de seu lábio superior e olho direito.

Logo percebeu que não estava sozinho no quarto.

“Elliot?” perguntou uma voz feminina.

“Sim?” disse o rapaz conforme o vulto em sua frente ia ficando mais nítido em seu olho bom.

“Como está sua cabeça?” perguntou a voz.

“Ainda presa no pescoço.” falou Elliot.

Brown viu que era sua colega Jenna, com seus óculos pretos, sentada na outra cama em frente ao seu leito.

“Você foi... roubado.” disse ela um pouco hesitante.

Um enfermeiro entrou pela porta enquanto Brown sentava em sua cama. O homem de jaleco deu uma boa olhada nos ferimentos.

“E desmaiou por um bom tempo.”

O jovem conferiu que sua carteira não estava mais em seu bolso. A moça se aproximou e falou.

“Nós vimos dois homens levarem você.”

Um cheiro de mata silvestre lhe preencheu os sentidos. Seus olhos desviaram do cabelo loiro de Jenna até a porta de saída onde estava agora seu colega Dwayne, que estava completamente sujo como se estivesse vivendo perdido na floresta por muito tempo. A boca dele abriu, mas nenhum som saiu de lá. Dwayne então se virou e o lado esquerdo do fundo de sua cabeça estava faltando, restando um espaço molhado e escuro.

Dwayne inexplicavelmente atravessou a parede.

Neste momento, Elliot entendeu a gravidade da situação.

“... e se quiser levo você para casa.” concluiu Jenna.

Elliot virou seus olhos assustados para a moça de óculos enquanto o enfermeiro lavava suas mãos na pia ali perto.

“Onde está Dwayne?” perguntou Elliot.

Houve um pequeno silêncio.

“Você não soube? Ele foi realocado.”

“Para onde?”

“Nova York, eu acho...”

Brown ainda tremia da aparição de Dwayne. Suas alucinações comuns eram muito diferentes, mais lhe pareciam memórias suas que qualquer outra espécie de imaginação. O telefone tocou e o enfermeiro foi até ele atender. Elliot imediatamente lembrou-se do jornal e segurou a mão de Jenna.

“Qual foi a última que você falou com seus pais?” perguntou ele baixinho à moça.

“Eu... não sei. Não me lembro.”

“Tente se lembrar!” sussurrou Elliot contorcendo-se.

“Eu... pare com isso!”

“Só me diga como eles são.” pediu Brown.

A moça olhava para os lados confusa, e depois virou-se para o enfermeiro que já secava suas mãos.

“Olhe para mim!” pediu Elliot com a mão em seu peito.

Na porta, surge outra moça que entra rápido por ali e senta-se colada ao lado de Jean, encostando toda a extensão de sua perna junto a ela.

“Oi, Elliot” disse Camille.

Jenna imediatamente ficou de mãos dadas com a outra, e com um sorriso falou a ela, parecendo ignorar Brown completamente.

“Por onde você andou?”

“Ora não se preocupe. Está tudo bem, não é Elliot?”

O cheiro de mata, antes fortíssimo em suas narinas agora se dissipava e perdia força. Brown observou as duas e o jeito com que Jenna apertava a mão de Camille.

*Ela não se lembra de seus pais!*

“Elliot, falei com seu chefe Peter, e ele disse que você deveria ir para casa descansar por uns dois dias.” disse o enfermeiro.

Brown olhou para o local onde Dwayne tinha aparecido.

“Troque os curativos sempre de manhã.”

As duas garotas falaram alguma coisa em segredo, com seus rostos quase colados e logo saíram dali, em meio a pequenas risadas quase infantis.

Brown estava sozinho, enquanto ouvia os passos das moças ecoando cada vez mais longe no corredor.

“Eu nunca... conheci meus pais.” disse Elliot para o chão branco e reluzente da enfermaria.

\*\*

Ao chegar ao apartamento, Elliot confrontou mentalmente o que tinha vivenciado da melhor forma que pode, colocando cada fato em uma ordem seqüencial.

A coisa mais importante ficou muito clara e evidente.

*O jogo é real. E nem é mesmo um jogo; é a vida das pessoas!*

Elliot foi até o frigobar e tirou uma lata de refrigerante, abrindo-a com seu movimento de dedos. Ele apreciou o som que a lata fez, parado e sentado em cima da cama olhando para o nada na frente de seus olhos.

*Não é minha imaginação. Eu vi o sinal nas costas da moça no restaurante, e Dwayne falou exatamente o que iria acontecer, da mesma forma que eu vi.*

Elliot tomou um gole rápido da lata. Como estava no terceiro andar, ainda podia ouvir pequenos pássaros na copa das árvores ali perto. Ele pensou em filmes das vidas das pessoas, e a associação lhe veio rápido.

“Uma... projeção?” falou para seu quarto.

*Para o passado e o futuro* respondeu sua voz monótona de novo, junto com que lhe pareceu um micro espasmo elétrico em suas costas. Mesmo sabendo que beirava a loucura o que estava fazendo, Elliot continuou sua conversa interna indiferente-mente.

*O jornal dizia que Dwayne fugiu de sua casa. Isto não parece certo. Por que diabos fazer isso?*

Silêncio desta vez em seu quarto.

*Por que arrebentaram minha cara?*

Houve uma pequena pausa onde os olhos de Brown foram de um lado ao outro. Sentia sua consciência deslocar invisível dentro de si, como se a resposta estivesse longe, mas tangível e ao invés de trazê-la para si, a empurrava mais um pouco.

*Por que estão a me observar* disse finalmente a voz monótona, como se fosse a coisa mais certa do mundo. Elliot segurou sua face, tendo um pequeno espasmo involuntário em seu olho inchado. Nunca apanhara em sua vida, e a dor latejante o deixava inquieto e paranóico, como um bicho maltratado e preso.

*O jornal. Alguém está me passando coisas de que não deveria saber* disse a voz mais convicta.

O jovem levantou-se e foi até a janela. O tempo continuava nublado. As nuvens pretas paradas e zombeteiras por entre os prédios continuavam em sua velocidade lenta, imperceptível aos olhos dos apressados do mundo.

Segurando e segurando.

*Dwayne está morto como um cachorro de rua* pensou Brown com muita tristeza. Elliot tirou o comprimido para dor de seu bolso e o tomou junto com um grande gole. Colocou a lata fria em sua testa e depois logo abaixo de seu olho que já ia ficando escuro e muito inchado. Suspirou fundo, e tentou com seus olhos fechados localizar os pontos de dor e de alguma maneira amenizá-los. Colocar sua atenção nisso o aliviou bastante; gostava do silêncio, e dentro de seu mundinho particular onde ninguém podia o criticar, ele reafirmou que estava a mais de trezentos quilômetros de onde passara toda a sua vida de dificuldades. Todos aqueles empregos idiotas para trás: agora era a sua vez.

*Dwayne está morto e você apanhou para valer; não terá tanta sorte na próxima vez* disse a voz, contra argumentando.

A consciência da dor voltou rápido, junto com um xingamento de Brown. O rapaz abriu seus olhos desconfiado e notou que havia algo diferente, mas não sabia dizer o que era. Elliot apanhou o controle da TV e apertou o botão vermelho. Nada aconteceu. Ele se levantou e tentou acender as luzes sem sucesso.

Elliot sentiu imediatamente outro frio em sua espinha. Pelo espelho de seu armário viu Dwayne junto à porta apontando um dedo para ele, com sua cabeça esquisita e sujo dos pés a cabeça. Brown virou rapidamente para a porta e o jovem continuava lá olhando fixo e mantendo seu dedo direto para ele.

“D-D... D-Dwayne...” balbuciou Elliot.

O fantasma nada disse, porém virou-se para a porta, com sua mão aberta e espalmada contra a madeira. O interfone tocou alto fazendo Brown cair ao chão de susto, segurando a cavalaria correndo desenfreada em seu peito em golfadas irregulares de ar.

Elliot ouve alguém na porta.

“Sr. Brown? Aqui é o gerente do hotel.”

Dwayne foi se afastando da porta e caminhando até Elliot, que tentava comandar seus pés para lhe empurrar para trás em inúteis tentativas desastradas junto ao tapete.

O fantasma abriu a boca e a fechou.

*Siga o seu plano mental.*

E então Davis sumiu como se nunca tivesse existido.

“Sr. Brown! Está me ouvindo?” falou a voz abafada atrás de sua porta.

Elliot levantou-se conforme a sensação de loucura foi passando, e então pode respirar mais uma vez. O homem bateu mais vezes na porta e Brown foi se aproximando devagar. Ele viu a sombra dos pés do gerente do hotel no chão em frente à porta e então perguntou um pouco aflito.

“E-Estou aqui. O que está a-acontecendo?”

“Notamos que a sobrecarga de luz pode ocasionar um defeito na instalação elétrica. O senhor poderia abrir a porta para que eu possa conferir o equipamento?”

O rapaz olhou o chão sujo de respingos de sangue de Dwayne e seu coração contraiu em seu peito. Se alguém entrasse agora, poderia ter muitos problemas. Como ele explicaria o que aconteceu com o tapete?

*É só seu cérebro traduzindo a situação* disse a voz.

“Sr. Brown!” disse o gerente impaciente.

“Um minuto.” falou Elliot.

O rapaz colocou suas mãos no rosto, mesmo sentindo a dor quando passava seus dedos pelos machucados. *Isto é real* pensou com convicção. Ao abrir seus olhos e olhar para o chão, a mancha havia sumido.

Elliot abriu a porta olhando para o chão, envergonhado.

Um homem grande, com uma arma e uma maleta entrou rápido, facilmente rendendo Elliot e o empurrando para a beirada da cama.

“Fique ai!” berrou o invasor.

Brown só conseguiu manter seus olhos muito abertos.

A arma estava em sua têmpora direita, o fazendo sentir a dureza e a fenda do cano do revólver. Elliot olhou incrédulo para o homem que foi então se distanciando e tirando a maleta de seu ombro.

O homem, um pouco desastrado com o revolver, começou a abrir a maleta. Lá dentro havia um notebook já com suas luzes acesas.

“Abra o equipamento na sua cama.” ordenou o invasor.

Brown levantou-se e fez o que o homem pediu, enquanto a arma ficava apontada a distância, agora com mais firmeza. Nos olhos do invasor, havia certo temor impossível de se definir, mas que chamou a atenção de Elliot.

“Por favor...” pediu o rapaz.

O laptop estava aberto e ligado.

“Silêncio. Selecione aquele arquivo no meio da tela.”

Elliot fez o que o invasor pediu e um filme começou a passar. Logo notou que era ele em seu cubículo.

O som de escritório ecoou pelo apartamento de um dormitório de Elliot Brown. Ele se via na tela, tirando seu paletó e ajeitando-se na cadeira para começar seu dia. Uma voz muito audível começou a falar e Elliot em seu apartamento imediatamente começou a passar mal, tremendo dos pés à cabeça, tal como sua própria imagem no vídeo. O invasor disse um palavrão rápido e desligou o som do equipamento. Elliot conseguiu manter sua consciência, mas teve de se segurar no invasor ao lado para não cair. O homem puxou uma cadeira e Brown sentou-se ali, vendo a si mesmo tremer mais um pouco e então suas mãos ficaram em cima do teclado. Após alguns segundos, o teclado foi substituído por um globo de vidro, com diversos fios acoplados. Um enfermeiro encostou as mãos dele ali, enquanto uma outra mulher que ele nunca vira antes o arrumava melhor na cadeira e abria sua boca. Pouco a pouco, a bola de vidro tornava-se preenchida com um gás amarelo. O vídeo então passa automaticamente para frente mais de duas horas. Imagens agora aparecem nítidas de dentro da bola. O enfermeiro entra e despeja um pouco de água na boca de Elliot.

O invasor desliga abruptamente o filme.

“Hey!” perguntou o homem passando a mão na frente dos olhos de Elliot que estavam paralisados, quase a não piscar.

“Mas...” disse o rapaz em pura negação.

“É você ai, não é?”

*“Isto não pode ser!”* urrou Elliot para o monitor.

Lágrimas escorrem do olho bom de Elliot. De repente a sua sorte grande tornara-se algo sem nome em sua frente. Era como se ele caísse em queda livre, e um grito começou a avolumar-se dentro de seu peito. Sua boca expurgou algo monossilábico, tal como os loucos faziam nos filmes.

“Garoto, preste atenção em mim.”

O homem lhe deu um tapa forte em seu ouvido.

“Elliot!” gritou o homem, tentando quebrar a loucura que crescia no rapaz. “Eu vou tirar você desta merda, cara. Mas você precisa fazer algo para mim antes. É assim que a gente faz, é assim que a porra do mundo funciona.”

A agressão devolveu Elliot à realidade, e a dor em seu olho voltou como uma explosão de bolotas brancas, amarelas e pretas em sua vista.

“Sério agora, você pode sair bem desta merda.”

*Ele tem medo de mim* falou sua voz.

“Você sabe do que eu estou falando?”

“O jogo...” falou Elliot, percebendo que era a primeira vez que vocalizava aquela ideia.

O invasor lhe olhou um pouco mais concentrado.

“Que seja. Você...” ele aponta a arma para Elliot, “vai me ajudar a encontrar esta mulher.”

A foto de Samantha em uma paisagem de praia abraçada com o homem é largada no colo de Elliot.

*Ela nunca se recuperou* disse a voz mais uma vez.

“Eu sei do que você é capaz, rapazinho. Quem você acha que paga as contas desta merda de hotel?”

“Por favor...” disse Elliot parecendo o menino pobre que quebrou a vidraça e tem medo de voltar para casa e apanhar ainda mais de seu velho.

O telefone do invasor toca e após olhar o número, a expressão do homem muda radicalmente para o pânico, guardando nervosamente o celular em sua calça.

“Agora... precisamos cair fora daqui.” disse o invasor puxando Elliot com força para fora do apartamento.

Os dois entraram rapidamente em uma van com porta de correr. O remédio que Elliot tinha tomado estava fazendo efeito e ele não resistiu; cerrou seus olhos e pediu aos céus que dormisse e que nunca mais acordasse.

Lá fora, o tempo parecia que iria chover finalmente.

7

Brown ia lentamente perdendo seus sentidos enquanto a van azul se dirigia cada vez mais para longe de seu apartamento. Antes de dormir, várias imagens iam surgindo como num destes shows de slides, porém em ritmo alucinante. Não conhecia ninguém daquelas fotos de sua mente. O globo amarelo era recorrente. A voz de Gustavson falava em uma língua estranha, parecia russo. Quase inconsciente, via castelos de areia na praia; em um minuto tudo estava lá, e no outro a água vem e torna sua criação em uma massa disforme, tal como a cabeça de Dwayne. Do lado de fora, seu corpo afrouxa pelo banco do caroneiro, sendo contido apenas pelo cinto de segurança. Enfim o silêncio.

Dylan mantinha sua mão esquerda freneticamente alisando, puxando e coçando seu cabelo. Ele temia que talvez fora longe demais em suas ações. Aquela ligação em seu celular era de um número específico da fundação, e também havia o fato de a chamada ter sido feito menos de três minutos depois que ele cortou o fio de energia do hotel. Ninguém sabia o que ele pretendia fazer, e ele oficialmente estava de férias. Talvez o técnico que lhe passou a cópia da fita de Elliot não soube se calar, e isso lhe enervou a ponto de dar um murro no volante. Sua mente oscilava por ambos os lados da questão, como um navio balançando fora de controle a mercê do curso da tempestade.

*“Sua vadiazinha, você vai pagar por isto!”* disse ele entre dentes fechados em uma raiva imensa.

Dylan deu uma olhada rápida para Elliot que dormia ao lado. Agora, sem necessidades de se impor na situação, ele pode engolir em seco diante do rapaz. *Uma força bruta da natureza*, tal como lhe disseram quando lhe propuseram o investimento. Sem dúvida, a fundação Jones crescera exponencialmente de seus tempos primórdios. Enquanto dirigia, lembrava-se da reunião que o colocou diretamente dentro da fundação.

*“Você não pode remar muito tempo contra a cachoeira Dylan, especialmente quando o seu barril está cheio de água” lhe dissera um dos advogados da fundação, enquanto uma pasta com todos os seus podres era colocada em sua frente. “Nós queremos mudar o seu futuro, filho” e então uma Polaroid tirada há pouco tempo foi colocada em sua frente. A imagem vinha de dentro de um daqueles globos amarelos, e percebeu a assombrosa semelhança consigo mesmo, porém com uma nova marca vermelha de tiro evidente em sua testa bem no meio de dois olhos mortos como os de um peixe fora da água.*

*“Muito em breve teremos os mercados em nossas mãos sem nenhuma contestação com esta ferramenta. Não é o máximo? Me diga Dylan, você não está entusiasmado com este novo mundo?”*

Dylan mantinha o olhar alucinado para Elliot.

“Depois de cinco anos desta merda, a gente descobre certas coisas. Coisas interessantes como o jeito de vocês se atraírem quando estão na mesma sala e repelirem-se quando separados como magnetos de polaridades diferentes. Por isso é tão difícil encontrar outros filhos da puta que nem vocês. A natureza tem suas próprias pequenas regras Elliot, e ninguém fode com a natureza. Ninguém! E eu nesse exato momento sou a porra de um vulcão!”

Elliot continuava seu sono indiferente logo ao lado.

“Estou seguro. Eles não podem me ver por que estou com você. Você altera todo o curso da história. Estamos invisíveis e muito longe agora, seguindo o nosso plano... estou seguro... estou seguro.” disse Dylan tentando se convencer com sua voz cada vez mais fina e minúscula.

*Quando a van atravessou o sinal, uma jovem com head-phones e seu cabelo preso com rabo de cavalo fazendo a sua corrida diária achou estranho o menino no banco de trás do veículo. O sinal ficou verde para pedestres e ela atravessou, pensando como era estranha a cabeça daquele menino sujo.*

*Momentos depois, um homem dentro de um carro preto recebe um sinal do rádio para onde ele deve ir.*